

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FISIOTERAPIA

ESTHEFANY MENDONÇA PEREIRA BRITO

**PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM EM ADULTOS JOVENS ACOMETIDOS  
PELA ACNE**

JUAZEIRO DO NORTE-CE  
2025

ESTHEFANY MENDONÇA PEREIRA BRITO

**PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM EM ADULTOS JOVENS ACOMETIDOS  
PELA ACNE**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Fisioterapia, do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de bacharel em Fisioterapia.

**Orientador(a):** Profa. Ms. Rejane Cristina Fiorelli de Mendonça.

JUAZEIRO DO NORTE-CE  
2025

ESTHEFANY MENDONÇA PEREIRA BRITO

**PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM EM ADULTOS JOVENS ACOMETIDOS  
PELA ACNE**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso em Fisioterapia, do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Fisioterapia.

Data da apresentação: 08/12/2025

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Ma. Rejane Cristina Fiorelli de Mendonça  
UNILEÃO

Membro: Ma. Elisângela de Lavor Farias  
UNILEÃO

Membro: Ma. Maria Zildanê Cândido Feitosa Pimentel  
UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE-CE  
2025

# PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM EM ADULTOS JOVENS ACOMETIDOS PELA ACNE

Esthefany Mendonça Pereira Brito<sup>1</sup>  
Profa. Ma. Rejane Cristina Fiorelli de Mendonça<sup>2</sup>

## RESUMO

O período da vida dos adultos jovens é marcado por transformações intensas que influenciam diretamente a forma como se percebem e constroem sua identidade, tornando a autoimagem um aspecto essencial desse processo. A acne, condição dermatológica comum e multifatorial, pode comprometer essa construção, afetando a percepção individual, o comportamento e as relações sociais. Este estudo analisou a percepção da autoimagem em adultos jovens acometidos pela acne, por meio de uma pesquisa observacional, quanti-qualitativa e de caráter exploratório. A coleta ocorreu em uma Instituição de Ensino Superior em Juazeiro do Norte-CE, utilizando um questionário online elaborado pela autora. Participaram 30 jovens de 18 a 26 anos, selecionados por amostragem não probabilística do tipo bola de neve. Os resultados mostraram predominância de mulheres, sendo que metade dos participantes ainda apresentava acne e 50% convivia com a condição há mais de três anos, com o rosto como área mais afetada. Observou-se que muitos mantêm rotinas de cuidados com a pele, embora nem todos busquem acompanhamento dermatológico. As redes sociais, especialmente Instagram® e TikTok®, exercem forte influência sobre a insegurança relacionada à aparência. Sentimentos como tristeza, vergonha e ansiedade foram frequentemente associados à acne, levando muitos jovens a evitar fotos e situações sociais. As respostas abertas revelaram o desejo de maior compreensão social, destacando que a acne é comum, não está ligada à falta de higiene e exige empatia e acolhimento. Conclui-se que a acne modifica de forma significativa a percepção da autoimagem dos adultos jovens, afetando aspectos físicos, emocionais e sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acne. Adultos jovens. Autoestima. Percepção.

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, Brasil.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Fisioterapia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, CE, Brasil.

## 1 INTRODUÇÃO

A acne vulgar é uma das condições dermatológicas mais comuns, afetando diretamente a autoimagem e podendo gerar sentimentos de vergonha, constrangimento e sofrimento psíquico (Langer; Prim, 2020). Onde esse surgimento vem em decorrência de diversos fatores (Arce *et al.*, 2022). Na atualidade, as idealizações nas redes sociais intensificam a insatisfação com a aparência. Esse cenário favorece o medo de julgamentos e amplia o desejo de aceitação social (Silva; Mea, 2023).

Segundo a Sociedade Brasileira de Dermatologia, afirma atingir cerca de 80% dos adolescentes e adultos jovens, sendo mais prevalente em mulheres (Santos e Silva *et al.*, 2020). Essa fase de adulto jovem é marcada por transformações físicas, psíquicas e sociais, onde a construção da autoimagem se torna fundamental para a identidade e autoestima. Surgimento das alterações cutâneas pode comprometer essa construção, influenciando negativamente o bem-estar emocional, o comportamento social e as relações interpessoais (Assis; Cambuí; Costa, 2024).

Ademais, a juventude adulta é um período de transição marcado por novas responsabilidades e maior exposição social, nessa etapa da vida a aparência traz consigo uma forte influência sobre a autoestima e a percepção pessoal. Assim, compreender como adultos jovens acometidos pela acne percebem sua própria imagem e enfrentam esse desafio torna-se relevante. Nesse sentido, levanta-se a questão norteadora: Qual a percepção de adultos jovens acometidos pela acne sobre sua autoimagem?

A partir dessa problemática, justificou-se a importância de dar voz ao jovem adulto acometido pela acne, evidenciando de que forma essa condição, a acne, influencia na autoimagem e nas relações sociais. Para a pesquisadora, representa a oportunidade de transformar uma vivência pessoal em conhecimento científico, além de compreender como outros acometidos enfrentam esse desafio, contribuindo para uma abordagem mais sensível e humanizada.

Dessa forma, o estudo tem como objetivo analisar a percepção da autoimagem em adultos jovens acometidos pela acne. Especificamente, busca-se investigar dados relativos à ocorrência de acne e os cuidados com a pele dos adultos jovens, analisar a influência dos padrões estéticos idealizados nas redes sociais sobre a percepção da autoimagem, observar a relação entre autoestima e percepção da autoimagem nos

adultos nestes indivíduos e compreender como os acometidos gostariam que a sociedade entendesse a condição da acne.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Materiais e Métodos**

A presente pesquisa foi do tipo observacional, com abordagem quanti-qualitativa, de caráter exploratório, de campo e transversal. A abordagem quantitativa permitiu a mensuração de dados objetivos, enquanto a qualitativa possibilitou compreender percepções subjetivas relacionadas à autoimagem. Segundo Gomes e Okano (2019), a pesquisa foi exploratória por buscar compreender melhor o tema. Foi considerada de campo, pois envolveu a coleta direta de dados com os participantes (Lunetta; Guerra, 2023), e transversal, pois foi realizada em um único momento do tempo (Adolph, 2016).

A coleta de dados foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior na cidade de Juazeiro do Norte – CE, por meio de um questionário aplicado de forma virtual, disponibilizado via Google Forms (Apêndice I). A divulgação ocorreu por meio de cartazes fixados nas salas de aula e compartilhados em grupos de WhatsApp dos semestres da instituição, além de explicações presenciais em sala de aula para que os estudantes preenchessem o questionário. O período da pesquisa ocorreu entre os meses de outubro e novembro de 2025.

A população do estudo foi composta por adultos jovens com idade entre 18 e 26 anos, residentes na região do Cariri, que possuíam histórico ou presença de acne. De amostragem não probabilística, do tipo bola de neve, incluindo participantes que se dispuseram a responder ao questionário de forma anônima, a amostragem final do estudo obteve 30 participantes. Para os critérios, foram incluídos adultos jovens dentro da faixa etária estabelecida, que relataram ser acometidos pela acne e que já haviam vivenciado a disfunção, que estavam devidamente matriculados na Instituição de Ensino Superior e aceitaram participar mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo I). Como também, foram excluídos aqueles que não estavam dentro da faixa etária definida, que não concordaram com os termos do consentimento ou que responderam ao questionário de forma incompleta.

O estudo contemplou com questionário semiestruturado, feito pela própria pesquisadora, composto por questões fechadas e abertas. As questões fechadas abordaram dados sociodemográficos, hábitos de cuidados com a pele, frequência da acne e percepção da aparência, enquanto as questões abertas permitiram que os participantes expressassem suas experiências e percepções em suas próprias palavras. Na qual, a pesquisadora disponibilizou de forma on-line, através do Google Forms, pelo link: <https://forms.gle/LHXJjybYW9Sif8sq9>.

Para o procedimento de coleta de dados, foram realizados por etapas: etapa 1º após a aprovação do Comitê de Ética, foram divulgadas informações sobre o estudo na Instituição de Ensino Superior de acordo com o termo de anuência concedido pela IES (Anexo III), repassadas em salas de aula na universidade, por meio de explicações presenciais, cartazes e redes sociais dentro da Instituição de Ensino Superior, com o objetivo de informando sobre os propósitos da pesquisa e os critérios de participação.

Etapa 2º: após divulgação, os indivíduos que decidiram participar acessaram o link (<https://forms.gle/LHXJjybYW9Sif8sq9>) e, no momento de acesso, realizaram a leitura do TCLE e do Termo de Consentimento Livre Pós-Esclarecido (TCLPE), validando seu aceite para seguir para o questionário

Etapa 3º: Participantes que decidiram fazer o aceite dos termos, tiveram o acesso ao questionário que abordava dados sociodemográficos, acne, cuidados com a pele, estilo de vida, redes sociais, autoestima e percepção de autoimagem, incluindo perguntas de múltipla escolha e questões abertas.

Por fim, etapa 4º: com a finalização das participações no questionário, os dados foram analisados e apresentados em forma de gráficos, tabelas e porcentagens.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Instituição de Ensino Superior, respeitando a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde sob o número do parecer: 8.015.464. Todos os participantes foram informados dos procedimentos a serem adotados na pesquisa. Após aprovação e aceite da metodologia a ser empregada, os participantes foram orientados a leitura e aceite do TCLE e TCLPE.

A pesquisa apresentou riscos mínimos, relacionados principalmente a aspectos de ordem psicológica e de confidencialidade. Os riscos e as medidas de minimização descritos a seguir:

Quanto aos riscos físicos, não obtiveram riscos físicos decorrentes da participação na pesquisa, uma vez que não houve procedimentos invasivos ou intervenções que pudessem comprometer a integridade corporal dos voluntários. E os riscos psicológicos e emocionais foram a discussão sobre autoimagem e percepção pessoal que pôde despertar sentimentos de desconforto, sensibilidade emocional ou incômodo ao refletir sobre experiências individuais.

Para as medidas de minimização, os voluntários foram informados previamente sobre os objetivos e procedimentos da pesquisa. Ressaltou-se que a participação foi inteiramente voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Caso algum participante manifestasse desconforto emocional, o pesquisador esteve disponível para acolher e, se necessário, realizar encaminhamento para acompanhamento psicológico dentro da rede de apoio institucional.

Em riscos de confidencialidade e privacidade, se tratando de coleta de dados pessoais, ainda que não sensíveis em sua maioria, existiu o risco de quebra de sigilo e exposição da identidade dos participantes. Entretanto, existiram medidas de minimização, onde todos os dados foram tratados de forma sigilosa e analisados de maneira coletiva. Foram utilizados códigos ou pseudônimos para identificar as informações, garantindo anonimato. Os resultados foram apresentados de modo a não permitir a identificação individual. Os registros digitais ou físicos foram armazenados em ambiente seguro, de acesso restrito apenas à equipe de pesquisa, sendo descartados após o prazo estipulado pelo estudo.

Os riscos sociais, houve risco mínimo de interpretação inadequada ou julgamento externo sobre as respostas dos voluntários, caso houvesse exposição indevida. Medidas para minimização: sigilo absoluto dos dados foi garantido, evitando qualquer divulgação que pudesse gerar constrangimento ou repercussões sociais negativas.

Diante do exposto, considerou-se que a pesquisa apresentou apenas riscos mínimos, todos com estratégias adequadas de prevenção e mitigação. A condução seguiu rigorosamente os princípios éticos da Resolução CNS nº 466/2012, assegurando o respeito à dignidade, à autonomia, ao bem-estar e à privacidade dos participantes.

Ademais, a participação dos voluntários nesta pesquisa possibilitou uma reflexão crítica acerca de sua autoimagem e percepção pessoal, contribuindo para o

autoconhecimento e para o desenvolvimento de uma maior consciência sobre aspectos individuais relacionados ao tema investigado. Esse processo pôde favorecer, de forma indireta, impactos positivos em sua qualidade de vida e bem-estar.

Os dados obtidos constituíram ampliação do corpo de conhecimento científico, incentivando novas pesquisas, metodologias inovadoras de investigação, discussões teóricas e práticas no âmbito universitário, fortalecendo a formação crítica dos discentes e a pesquisa como pilar essencial do processo formativo. Para a instituição, a pesquisa reafirmou o compromisso com a ciência e a inovação, ampliando sua contribuição social e acadêmica, além de orientar ações interdisciplinares e promover reflexões coletivas alinhadas às diretrizes de ensino, pesquisa e extensão.

A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva no software Microsoft Excel, elaborando-se tabelas com as variáveis obtidas, seguidas da apresentação discursiva dos resultados. A exposição dos dados ocorreu por meio de tabelas, gráficos e porcentagens, enquanto os dados qualitativos das questões abertas foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo temática, com o objetivo de identificar padrões, categorias principais e significados atribuídos pelos participantes.

## 2.2 Resultados

Foram constituídos, na presente pesquisa, 30 participantes, que responderam de forma livre e esclarecida ao questionário no Google Forms. Conforme o perfil da amostra, participaram jovens adultos na faixa etária entre 18 e 26 anos, sendo 14 indivíduos entre 22 e 23 anos (46,7%); 7 indivíduos entre 20 e 21 anos (23,3%); 4 participantes com 24 e 25 anos (13,3%); 3 participantes acima de 26 anos (10%); e por fim, 2 participantes de 18 e 19 anos (6,7%). Quanto ao sexo, 93,3% eram do sexo feminino (28 participantes) e 6,7% do sexo masculino (2 participantes), conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Dados Sociodemográficos

Variável	Categorias	N	%
Idade:	18 a 19 anos	2	6,7%
	20 a 21 anos	7	23,3%
	22 a 23 anos	14	46,7%

	24 a 25 anos	4	13,3%
	Acima de 26 anos	3	10%
Sexo	Feminino	28	93,3%
	Masculino	2	6,7%
<b>Total</b>	<b>Participações</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Em continuidade aponta-se na tabela 2, foram apresentadas perguntas sobre acne, nas quais 50% dos participantes ainda apresentam disfunção (15 participantes) e os outros 50% relataram tê-la apresentado quando mais novos (15 participantes). Quanto ao tempo de convivência com a acne, 15 voluntários (50%) convivem há mais de 3 anos; 6 indivíduos (20%) convivem entre 1 e 3 anos; 4 participantes (13,3%) entre 6 meses e 1 ano; e 5 participantes (16,7%) há menos de 6 meses.

Além disso, a acne apresentou maior incidência na região do rosto, relatada por 27 participantes (90%). Nas costas, foi mencionada por 8 participantes (26,7%); no colo, por 4 participantes (13,3%); nos ombros, por 6 participantes (20%); e, em outras áreas, por 1 participante (3,3%), podendo ser observado na tabela abaixo.

Tabela 2- Dados relativos à ocorrência de acne.

Variável	Categorias	N	%
Você apresenta ou já apresentou acne?	Sim, quando mais novo.	15	50%
	Sim, e ainda apresentou alterações desencadeadas pela acne.	15	50%
Há quanto tempo você convive/conviveu com a acne?	Menos de 6 meses.	5	16,7%
	De 6 meses a 1 ano.	4	13,3%
	De 1 a 3 anos.	6	20%
	Mais de 3 anos.	15	50%
Em quais áreas do corpo a acne aparece/aparecia com mais frequência? (caso necessário pode assinalar mais opções)	Rosto	27	90%
	Costas	8	26,3%
	Ombros	6	20%
	Colo	4	13,3%
	Outros	1	3,3%
<b>Total</b>	<b>Participações</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Na análise das perguntas sobre cuidados com a pele exposto na tabela abaixo, observou-se que 50% dos participantes (15 indivíduos) possuem uma rotina de cuidados frequente. Já 36,7% (11 participantes) relataram manter essa rotina apenas às vezes, por falta de comprometimento, e 13,3% (4 indivíduos) afirmaram não possuir rotina de cuidados com a pele. Quando questionados sobre os produtos utilizados rotineiramente, houve maior prevalência do sabonete facial, assinalado por 26 participantes (86,7%), seguido do protetor solar, indicado por 25 participantes (83,3%). Os hidratantes faciais foram mencionados por 23 participantes (76,7%) e o esfoliante facial por 8 indivíduos (26,7%).

Identificou-se que 13 participantes (43,3%) relataram fazer uso de produtos de tratamento; 3 participantes (10%) afirmaram não utilizar nenhum produto e 5 participantes (16,7%) indicaram utilizar outros tipos de produtos. Vale se salientar que 14 participantes (46,7%) já procurou ajuda de dermatologista, mas já 11 participantes (36,7%) não procuram ajuda com profissional e 5 indivíduos (16,7%) pretende ainda ir à procura de um dermatologista, podendo ser observados na Tabela 3.

Tabela 3- Cuidados com a pele.

<b>Variáveis</b>	<b>Categorias</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Você tem uma rotina de cuidados com a pele?	Sim e com muita frequência.	15	50%
	Às vezes pois não sou comprometida com os cuidados com a pele.	11	36,7%
	Não tenho rotina de cuidados com a pele.	4	13,3%
Que tipo de produtos você costuma usar na sua rotina? (você pode assinalar mais de uma opção)	Sabonete facial	26	86,7%
	Protetor solar	25	83,3%
	Hidratantes faciais	23	76,7%
	Esfoliantes faciais	8	26,7%
	Produtos de tratamento	13	43,3%
	Nenhum	3	10%
	Outros	5	16,7%
Você já procurou ajuda de um(a) dermatologista?	Sim	14	46,7%
	Não	11	36,7%
	Pretende procurar	5	16,7%
<b>Total</b>	<b>Participações</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Sobre as redes sociais e o impacto sobre a percepção da sua autoimagem, três perguntas nortearam. O Instagram® foi apontado como a rede mais utilizada, relatada por 28 indivíduos (93,3%). Em seguida o TikTok® foi mencionado por 25 indivíduos (83,3%), já o Facebook® e o Twitter® por apenas 1 participante cada (3,3%), enquanto outras redes sociais foram citadas por 3 indivíduos (10%).

Ao utilizar as redes sociais, a exposição a “peles perfeitas” pode gerar inseguranças. Nesse sentido, 60% dos participantes (18 indivíduos) afirmaram sentir-se um pouco inseguros; 26,7% (8 indivíduos) relataram não serem afetados; e 13,3% (4 participantes) declararam sentir-se bastante inseguros.

Diante disso, os filtros digitais funcionam muitas vezes como uma forma de camuflagem para esconder marcas das acnes em fotos e vídeos. Assim, 25 indivíduos (83,3%) já utilizaram dessa ferramenta com esse propósito, enquanto 5 participantes (16,7%) relataram não a utilizar. Além disso, 24 participantes (80%) afirmaram sentir pressão para manter uma aparência ideal devido ao uso das redes sociais; 6 indivíduos (20%) relataram sentir essa pressão apenas às vezes; e nenhum participante afirmou não sentir pressão. Esses dados encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4- Redes sociais e autoimagem.

<b>Variáveis</b>	<b>Categorias</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Quais redes sociais você mais utiliza? (pode assinalar mais de uma opção se achar necessário)	Instagram®	28	93,3%
	TikTok®	25	83,3%
	Facebook®	1	3,3%
	Twitter®	1	3,3%
	Outras	3	10%
Ao ver pessoas com “pele perfeita” nas redes sociais, como você se sente?	Norma, não afeta	8	26,7%
	Um pouco inseguro(a)	18	60%
	Bastante inseguro(a)	4	13,3%
Você já usou filtros para esconder as marcas da acne em fotos ou vídeos?	Sim	25	83,3%
	Não	5	16,7%
<b>Total</b>	<b>Participações</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

Fonte: Dados da pesquisa, 2025.

Após essa etapa, o questionário apresentou perguntas relacionadas à autoestima e à percepção da autoimagem. Observou-se que 10 indivíduos (33,3%) relataram que, às vezes, sua aparência interfere na autoestima; 9 indivíduos (30%) afirmaram que a aparência interfere sempre; 7 participantes (23,3%) sentiram interferência frequentemente; 3 indivíduos (10%) relataram interferência rara; e apenas 1 participante (3,3%) afirmou que sua aparência nunca interfere na autoestima. Em seguida, foi questionado se a acne afeta a forma como os participantes se enxergam e se sentem sobre si mesmos. Assim, 11 participantes (36,7%) relataram que a acne afeta pouco; 6 indivíduos (20%) afirmaram que afeta moderadamente; outros 6 (20%) relataram que afeta bastante; 5 participantes (16,7%) disseram que não afeta; e 2 indivíduos (6,7%) declararam que afeta muito.

Ao serem questionados se a acne já os fez evitar determinadas situações, observou-se que 19 participantes (63,3%) já evitaram tirar fotos; 8 indivíduos (26,7%) relataram evitar sair de casa, assim como declararam que a acne nunca atrapalhou; 4 participantes (13,3%) relataram ter evitado ir à escola ou faculdade; e 2 indivíduos (6,7%) afirmaram evitar encontrar amigos.

Contudo, 13 participantes (43,3%) relataram acreditar que a acne influenciou negativamente sua autoimagem; 11 indivíduos (36,7%) afirmaram que isso ocorreu apenas em alguns momentos; e 6 participantes (20%) disseram não acreditar que a acne influenciou negativamente sua autoimagem. Por fim, a acne pode desencadear diversos sentimentos. Assim, 12 indivíduos (40%) relataram que essa condição contribuiu para o surgimento de tristeza; 11 participantes (36,7%) referiram sentimentos de vergonha; 8 indivíduos (26,7%) relataram ansiedade; irritabilidade e medo de julgamento foram mencionados por 6 participantes cada (20%); e 7 indivíduos (23,3%) relataram outros sentimentos, conforme descreve-se na tabela 5

Tabela 5- Autoestima e percepção da autoimagem.

<b>Variável</b>	<b>Categorias</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Você sente que sua aparência interfere na sua autoestima?	Nunca	1	3,3%
	Às vezes	10	33,3%
	Raramente	3	10%
	Frequentemente	7	23,3%
	Sempre	9	30%

Você acredita que a acne afeta como você se vê e sente sobre si mesmo(a)?	Não afeta	5	16,7%
	Afeta pouco	11	36,7%
	Afeta moderadamente	6	20%
	Afeta bastante	6	20%
	Afeta muito	2	6,7%
A acne já fez com que você evitasse:	Sair de casa	8	26,7%
	Tirar fotos	19	63,3%
	Encontrar amigos	2	6,7%
	Ir à escola/faculdade	4	13,3%
	Nunca me atrapalhou	8	26,7%
	Nenhuma das alternativas	0	0%
Você acredita que a acne influenciou negativamente sua autoimagem?	Sim	13	43,3%
	Não	6	20%
	Em alguns momentos	11	36,7%
A acne já contribuiu para o surgimento de sentimentos como:	Tristeza	12	40%
	Ansiedade	8	26,7%
	Vergonha	11	36,7%
	Irritabilidade	6	20%
	Medo de ser julgado (a)	6	20%
	Outros	7	23,3%
<b>Total</b>	<b>Participações</b>	<b>30</b>	<b>100%</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2025.

Os participantes foram questionados sobre o que gostariam que as pessoas entendessem sobre quem tem acne. A análise qualitativa do conteúdo evidenciou alguns temas centrais. A maioria destacou que a acne é uma condição comum e normal, não estando relacionada à falta de higiene ou descuido, mas sim a fatores hormonais, genéticos e emocionais. Outro ponto recorrente foi a compreensão de que a acne não é uma escolha e, muitas vezes, não é algo controlável, podendo persistir mesmo com rotinas adequadas de cuidados. Muitos participantes relataram que comentários sobre a aparência contribuem para o aumento da vergonha, insegurança e redução da autoestima, reforçando que tais julgamentos não auxiliam no tratamento e podem intensificar o sofrimento emocional.

Da mesma forma, observou-se que os participantes desejam que haja respeito, empatia e acolhimento, além da compreensão de que a acne não define a

identidade, o valor ou a beleza de uma pessoa. Alguns participantes também destacaram a importância de que terceiros evitem comentários negativos e compreendam que cada caso é único, variando em intensidade, sentimentos associados e impacto na autoimagem. Os principais temas identificados foram agrupados e apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 – Temas identificados em pergunta aberta sobre “O que você gostaria que as pessoas entendessem sobre quem tem acne?”

<b>Temas identificados</b>	<b>Transcrições dos sujeitos</b>
Acne é normal e comum	Reconhecimento de que a acne faz parte da vida, sendo uma condição frequente e natural.
Não é falta de higiene	Entendimento de que não está associada a sujeira, descuido ou falta de cuidados.
Não é algo controlável	Relatos de que fatores hormonais, genéticos e emocionais influenciam a acne.
Julgamentos prejudicam a autoestima	Comentários sobre a pele podem causar vergonha, insegurança e afetar a autoimagem.
Necessidade de empatia e respeito	Participantes pedem acolhimento, compreensão e menos críticas.
Acne não define a pessoa	Ressaltam que a condição não determina beleza, valor pessoal ou identidade.

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2025.

### **2.3 Discussões**

De acordo com o perfil sociodemográfico encontrado nesse estudo, observa-se uma correlação com os dados da Sociedade Brasileira de Dermatologia, já trago neste presente estudo, apontando que a acne é uma afecção comum em diversos períodos da vida, com incidência de cerca de 80% em adolescentes e adultos jovens, influenciada por inúmeros fatores. A literatura também evidencia maior acometimento

no sexo feminino (Santos e Silva *et al.*, 2020), o que se confirma neste estudo pela maior adesão de participantes do sexo feminino.

Além disso, com a análise dos dados referentes à acne, observou-se que 50% dos participantes apresenta e 50% já apresentou essa condição em algum momento da vida. Esse achado é compatível com a literatura, que descreve a acne como uma disfunção comum e multifatorial, podendo ser desencadeada ou agravada por fatores hormonais, aumento da produção sebácea, predisposição genética, estresse, cosméticos inadequados e alterações no processo inflamatório cutâneo (Lima e Lima Santana *et al.*, 2016).

Ainda nesse contexto, verificou-se que 50% dos participantes relataram conviver com a acne por um período superior a três anos, evidenciando quadros persistentes. Segundo Dréno *et al.*, (2018), essa cronicidade pode estar relacionada a cepas mais inflamatórias *Cutibacterium acnes*, que mantêm a colonização e o processo inflamatório por longos períodos, contribuindo para a manutenção da doença. Observou-se ainda que 90% dos participantes relataram o rosto como a área mais acometida, seguido das costas, com 26,7%. Esses achados corroboram Geng e Sibbald (2024), que destacam que as manifestações de acne ocorrem mais frequentemente na face e na região dorsal superior.

No que diz respeito aos cuidados com a pele, observou-se na coleta que 50% dos indivíduos mantêm uma rotina de cuidados com frequência, indicando ainda os tipos de produtos utilizados, com maior incidência para o sabonete facial (86,7%), outros produtos também apresentaram porcentagens expressivas dentro das rotinas relatadas. Esses achados vão ao encontro de Bessa *et al.*, (2023), que destacam que uma rotina e a higienização adequada, realizada pela manhã e à noite, é essencial para favorecer a saúde cutânea e prevenir o surgimento de acne. Além disso, reforça que evite friccionar excessivamente a pele é fundamental para prevenir irritações.

Paralelamente, a ajuda dermatológica é de suma importância para o controle desta afecção. A Sociedade Brasileira de Dermatologia, juntamente aos especialistas, explica a importância do acompanhamento precoce para prevenir cicatrizes, preservar a integridade da pele e promover o bem-estar psíquico do acometido, uma vez que, na fase adulta, a resolução dos problemas tende a ser mais difícil. Na presente coleta 46,7% dos participantes procuraram auxílio dermatológico, em contrapartida, 36,7% não buscaram esse acompanhamento, ressaltando um número expressivo.

Atualmente, na era digital, o consumo das redes sociais está cada vez mais presente, tendo mais informações sendo verdadeiras ou não, e promovendo comparações com a sua aparência, o que pode influenciar negativamente sobre a imagem. Levando ao mal-estar, ao desenvolvimento de práticas não saudáveis fase da vida, em que a autoimagem tem grande importância para integração social e autoestima, os impactos tendem a ser significativos (Silva; Mea, 2023).

Na pesquisa de Marengo *et al.*, (2018) sobre a correlação de tempo gasto em plataformas e a preocupação da sua imagem corporal, apontou positivamente ao aumento de suas preocupações. E em outra pesquisa de Yang *et al* (2020), apontou que no sexo feminino, a exposição de telas pode influenciar a estima, reforçando ideais, aumentando comparações e medo de avaliações (*apud* Silva; Mea, 2023). Dialogam com os dados analisados, nos quais 60% dos participantes relataram sentir-se pouco seguros ao ver, nas redes sociais, a disseminação da ideia de “pele perfeita”.

No cenário brasileiro, o WhatsApp® destaca-se como a rede social mais utilizada, seguido pelo Instagram® e pelo Facebook®. O TikTok®, por sua vez, tem mostrado crescimento expressivo nos últimos anos (Matos; Godinho, 2024). Entre os participantes avaliados, o Instagram® foi a rede mais utilizada, com 93,3%, seguido pelo TikTok®.

Dando continuidade, quando se trata dos comportamentos adotados por indivíduos acometidos por afecções cutâneas, observa-se uma variedade de atitudes, como a necessidade constante de verificar a própria aparência no espelho, tentativas de camuflar as lesões por meio de maquiagem, busca repetida por consultas médicas na expectativa de procedimentos cirúrgicos ou medicações específicas, além do uso de filtros digitais, entre outros recursos (Assis; Cambuí; Costa, 2024). Entre os participantes deste estudo, 83,3% relataram já ter utilizado filtros para esconder marcas de acne em fotos ou vídeos, evidenciando de forma expressiva essa tendência à camuflagem quando se sentem afetados pela condição.

Nota-se que a autoimagem assume papel central nas relações interpessoais. A forma como o indivíduo é percebido pelo outro pode gerar aceitação ou rejeição, uma vez que o não enquadramento nos padrões estéticos socialmente valorizados pode resultar em exclusão. Nesse sentido, quando a aparência não corresponde ao que é socialmente considerado ideal, a tendência é que ocorram julgamentos negativos e rejeição, onde na sociedade ser “belo” ainda funciona como um acesso simbólico ao mundo. (Floriani; Marcante; Braggio, 2014).

Gouveia *et al.*, (2005) descrevem a autoimagem como a percepção que o indivíduo constrói sobre si mesmo, englobando sentimentos, pensamentos e comportamentos nas suas interações sociais. Sapountzi Krepia *et al.*, (2001), por sua vez, ressalta que condições que alteram a imagem corporal podem modificar a forma como o indivíduo é tratado socialmente, influenciando diretamente sua autoestima e seu nível de confiança (*apud* Floriani; Marcante; Braggio, 2014).

De maneira complementar, Andrade; Souza; Minayo (2009) expressa que “A autoestima diz respeito a maneira como o indivíduo elege suas metas, projeta suas expectativas, aceita a si mesmo, e valoriza o outro”. Isso é, a autoestima é a autoaceitação ou não sobre si, sua aprovação ou não da sua imagem. Contribuindo diretamente na saúde mental, física e na qualidade das relações sociais, qualquer desequilíbrio nessa percepção pode acarretar baixa estima, dificuldades de aceitação e prejuízos no convívio social (*apud* Floriani; Marcante; Braggio, 2014).

Os dados obtidos neste estudo reforçam esses achados teóricos. Observou-se que 33,3% dos participantes relataram que sua aparência interfere na autoestima às vezes; 30% afirmaram que interfere sempre e 23,3% relataram interferência frequente, porcentagens que evidenciam a relevância da aparência na construção da autoestima. Em relação ao impacto específico da acne, 36,7% dos participantes acreditam que ela afeta pouco a forma como se percebem, enquanto 20% relatam impacto moderado e outros 20% afirmam que a acne afeta bastante o modo como se sentem. Por fim, consolidando a relação entre aparência e autoestima, 43,3% dos voluntários declararam acreditar que a acne influenciou negativamente sua autoestima.

Ademais, na fase de adultos jovens, a preocupação com a aparência ainda é bastante presente, sendo intensificada pela necessidade de aceitação social. Nessa etapa, o medo de julgamentos pode interferir no desenvolvimento da autoconfiança e das habilidades sociais (Langer; Prim, 2020). Quando associada à acne, especialmente em casos com cicatrizes e alterações pigmentares, essa preocupação ultrapassa os impactos físicos, afetando diretamente a percepção da autoimagem. Tais alterações podem desencadear manifestações psicológicas, como baixa autoestima, ansiedade e até mesmo sintomas depressivos (Ogé; Broussard; Marshall, 2019).

Além dessas manifestações psíquicas, também podem desenvolver distorção corporal, constrangimento, isolamento social, revolta, insucesso escolar, timidez,

sintomas obsessivos/compulsivos, tentativas de suicídio (Langer; Prim, 2020). Segundo Vera Teixeira, no estudo “Impacto Psicossocial da Acne”, destaca que cerca de 70% dos pacientes acometidos pela acne afirmam serem vítimas de sentimentos negativos (Assis; Cambuí; Costa, 2024).

Por conseguinte, os dados nesta presente pesquisa expressam claramente tais impactos. Quando questionados sobre comportamentos que a acne já provocou, 63,3% dos participantes relataram evitar tirar fotos, resultado que evidencia o constrangimento e a preocupação estética gerada pela condição. Do mesmo modo, sentimentos negativos foram relatados, sendo a tristeza com 40% expressado pelos participantes, seguida de vergonha (36,7%), ansiedade. Esses achados demonstram o significativo acometimento emocional e psicológico associado à acne.

Dessa forma, ao relacionar os achados deste estudo com a literatura existente, evidencia-se que a acne ultrapassa o âmbito dermatológico e afeta diretamente a percepção da autoimagem, a autoestima e o bem-estar emocional dos indivíduos acometidos. Participantes relataram que gostariam que as pessoas compreendessem que a acne é uma condição comum, multifatorial e independente de hábitos de higiene ou cuidado pessoal. Muitos expressaram o desejo de que a sociedade reconheça que a presença de lesões não representa desleixo, falta de atenção com a aparência, mas sim uma condição dermatológica que pode afetar qualquer indivíduo.

Nesse sentido, ressaltaram que comentários, julgamentos ou comparações relacionados à aparência podem intensificar sentimentos de vergonha, insegurança e prejudicar ainda mais a autoestima.

Portanto, torna-se evidente a necessidade de uma postura social mais empática, acolhedora e informada, capaz de reconhecer que a acne não define valor, competência, beleza ou caráter. A construção de ambientes mais sensíveis à experiência daqueles que convivem com essa afecção é fundamental para reduzir estigmas, fortalecer a autoestima e promover a saúde emocional dos indivíduos acometidos.

### **3 CONCLUSÃO**

A presente pesquisa alcançou o objetivo de analisar a percepção da autoimagem em adultos jovens acometidos pela acne, permitindo compreender como

essa condição ultrapassa o aspecto dermatológico e se insere de maneira profunda no campo emocional e social. Ao investigar hábitos de cuidado com a pele, influências dos padrões estéticos difundidos nas redes sociais e sua relação com a autoestima, verificou-se que a acne interfere de forma significativa na forma como o indivíduo se percebe e se posiciona diante do olhar do outro. Sentimentos como insegurança, tristeza, vergonha e ansiedade aparecem de maneira recorrente entre os participantes, demonstrando que a acne interfere na autoconfiança e pode desencadear comportamentos evitativos, especialmente em situações que envolvem exposição da aparência.

Além disso, observou-se que, mesmo mantendo rotinas de cuidado com a pele, muitos jovens convivem com a acne há anos e nem sempre buscam acompanhamento dermatológico, o que reforça a importância de ampliar o acesso a informações qualificadas e incentivar a procura por profissionais especializados. A influência das redes sociais também se mostrou marcante, uma vez que os padrões idealizados de “pele perfeita” intensificam comparações, aumentam a pressão estética e contribuem para a piora da autoimagem. A análise qualitativa destacou ainda o desejo dos participantes de que a sociedade compreenda que a acne não está relacionada à falta de higiene, mas a fatores multifatoriais, reforçando a necessidade de empatia e acolhimento.

Apesar da amostra reduzida, os achados foram consistentes e permitiram compreender de forma relevante os impactos físicos e emocionais associados à acne, especialmente no que tange à percepção da autoimagem. Diante desse cenário, recomenda-se que futuras pesquisas utilizem amostras ampliadas e desenvolver estratégias educativas que reduzam estigmas e promovam acolhimento. Torna-se clara a necessidade de uma postura social mais empática e informada, reconhecendo que a acne não define valor ou beleza. Ambientes mais sensíveis fortalecem a autoestima e favorecem a saúde emocional de quem convive com a condição.

## REFERÊNCIAS

ARCE, Manuela; et al. Acné en la adolescencia: como reconocerlo y abordarlo. **Arch. Pediatr. Urug.**, Montevideo , v. 94, n. 2, e308, 2023 . Disponible en <[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-12492023000301308&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-12492023000301308&lng=es&nrm=iso)>. Epub 01-Dic 2023. <https://doi.org/10.31134/ap.94.2.14>.

ASSIS, Gabriela Tedardi; CAMBUÍ, Heloisa Aguetoni; COSTA, Mylena. (2024). A acne vulgar e as implicações para a autoestima de adolescentes. **Revista Terra & Cultura: Cadernos De Ensino E Pesquisa**, 40(especial), 269-290. Recuperado de <http://publicacoes.unifil.br/index.php/Revistateste/article/view/3056/2820>

BESSA, Vicente Alberto Lima; LIMA, Rita de Cássia Borges; GONÇALVES, Taciara Queiroz; SÁ, Juliana Mendonça Farias de; SILVA, Fernanda Almeida da. Educação e tratamento estético de peles propensas à acne. **Seven Editora**, [S. l.], 2023. Disponível em: <https://sevenpubl.com.br/editora/article/view/3089>.

DRÉNO B, PÉCASTAINGS S, CORVEC S, VERALDI S, KHAMMARI A, ROQUES C. Cutibacterium acnes (Propionibacterium acnes) e acne vulgaris: um breve olhar das últimas atualizações. **J Eur Acad Dermatol Venereol**. 2018; 32 Suppl 2:5-14. doi:10.1111/jdv.15043

FLORIANI, Flavia Monique; MARCANTE, MD da S.; BRAGGIO, Laércio Antônio. Auto-estima e auto-imagem a relação com a estética. Acesso em, v. 1, 2014.

GENG, Ryan; SIBBALD, R Gary. Acne Vulgaris: Clinical Aspects and Treatments. **Adv Skin Wound Care**. 2024 Feb 1;37(2):67-75. doi: 10.1097/ASW.000000000000089. PMID: 38241449.

GOMES, Jaqueline Geisa Cunha; OKANO, Marcelo T. PLATAFORMAS DIGITAIS COMO MODELOS DE NEGÓCIO: UMA PESQUISA EXPLORATÓRIA. **South American Development Society Journal**, [S. l.], v. 5, n. 13, p. 232, 2019. DOI: 10.24325/issn.2446-5763.v5i13p232-254. Disponível em: <https://www.sadsj.org/index.php/revista/article/view/215>.

GUERRA, Avaetê de Lunetta e Rodrigues. METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA E ACADÊMICA. **Revista OWL (OWL Journal) - REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ENSINO E EDUCAÇÃO**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 149–159, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8240361. Disponível em: <https://revistaowl.com.br/index.php/owl/article/view/48>.

LANGER, Laura Ingrid Volkweis; PRIM, Lucas Rodrigues Investigação de Depressão e Qualidade De Vida em Pacientes em Tratamento em Acne, 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) — Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Disponível em: <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/27986>.

LIMA E LIMA SANTANA, Cândida Naira; et al. Microagulhamento no tratamento de cicatrizes atróficas de acne: série de casos. **Surgical & Cosmetic Dermatology**. 2016;8(4):63-66. ISSN: 1984-5510. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265549461009>

MATOS, Kelvym Alves, and Mônica Oliveira Dominici Godinho. "A influência do uso excessivo das redes sociais na saúde mental de adolescentes: uma revisão integrativa." **Revista Foco** 17.4 (2024): e4716-e4716.

OGE', Linda K.; BROUSSARD, Alan; MARSHALL, Marilyn D. Acne Vulgaris: Diagnosis and Treatment. **Am Fam Physician**. 2019 Oct 15;100(8):475-484. PMID: 31613567.

SANTOS e SILVA, Patricia Raquel; et al. Perfil epidemiológico dos pacientes com acne vulgar atendidos na BWS, São Paulo - SP. **BWS Journal (Descontinuada)**, [S. l.], v. 3, p. 1–7, 2020. Disponível em:  
<https://bwsjournal.emnuvens.com.br/bwsj/article/view/77>

SILVA, Hannah Lupato; DELLA MEA, Cristina Pilla. Uso de rede sociais e autoimagem em adolescentes: uma revisão narrativa. **Psicologia em Ênfase**, v. 4, p. 34-45, 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **Acne**. Disponível em:  
<https://www.sbd.org.br/doencas/acne/>



## ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada(o) participante,

Eu, **Rejane Cristina Fiorelli de Mendonça**, Rg: 25955186-7, docente do curso de Fisioterapia do Centro Universitário Leão Sampaio, responsável pela pesquisa do Centro Universitário Leão Sampaio. Pesquisa intitulada: **“Percepção da autoimagem em adolescentes acometidos pela acne”**, como requisito para a conclusão do curso. O objetivo deste estudo é **analisar a percepção da autoimagem em adolescentes que convivem com a acne**, investigando como essa condição pode impactar sua autoestima e suas relações sociais. A pesquisa será realizada por meio de um **questionário online**, com perguntas objetivas e subjetivas, que abordam aspectos relacionados à sua rotina de cuidados com a pele, autoestima, e a influência das redes sociais na sua percepção corporal. O tempo estimado para o preenchimento é de aproximadamente **10 minutos**. Os riscos são **mínimos**, relacionados apenas a possíveis desconfortos emocionais ao responder perguntas sobre a aparência e autoestima. Caso ocorra algum desconforto ao longo da pesquisa, será orientado a procurar apoio psicológico com um profissional qualificado. Não haverá nenhum custo ou pagamento pela sua participação. Sua colaboração é totalmente voluntária, e você pode se recusar a participar ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. As informações fornecidas serão tratadas com **sigilo e anonimato**, e utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos. Nenhum dado que identifique os participantes será divulgado. Se tiver alguma dúvida a respeito dos objetivos da pesquisa e/ou métodos utilizados na mesma, pode procurar **Rejane Cristina Fiorelli de Mendonça** Av. Maria Leticia Leite Pereira s/n – Cidade universitária, telefone: 21011147 Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP do Centro Universitário Doutor Leao Sampaio, localizado na Av. Maria Letícia Leite Pereira s/n, bairro Lagoa Seca, telefone (88) 21011033, ramal lagoa seca, Juazeiro do Norte- CE. Caso esteja de acordo e participe da pesquisa, deve preencher e assinar o termo de Consentimento Pós-Esclarecido que segue.

---

Local e data

---

Assinatura do Pesquisador

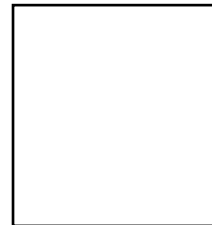


## ANEXO II - TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, eu \_\_\_\_\_, portador(a) do Cadastro de Pessoa Física (CPF) número \_\_\_\_\_, declaro que, após leitura do TCLE, tive oportunidade de fazer perguntas e esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores. Ciente dos serviços e procedimentos aos quais serei submetido e não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firmo meu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente da pesquisa "**PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM EM ADULTOS JOVENS ACOMETIDOS PELA ACNE**", assinando o presente documento em duas vias de igual teor e valor.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Participante ou representante legal



Impressão dactiloscópica

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador



### **ANEXO III - Modelo de Declaração de Anuência da Instituição**

#### **Co-participante**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_, função na instituição \_\_\_\_\_, declaro ter lido o projeto intitulado “PERCEPÇÃO DA AUTOIMAGEM EM ADULTOS JOVENS ACOMETIDOS PELA ACNE”, de responsabilidade da pesquisadora Rejane Cristina Fiorelli de Mendonça, 25955186-7 e que uma vez apresentado a esta instituição o parecer de aprovação do CEP do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, autorizaremos a realização deste projeto nesta Universidade Doutor Leão Sampaio, CNPJ DA INSTITUIÇÃO: 02.319.959/0003-92, tendo em vista conhecer e fazer cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a (Resolução CNS 466/12 ou Resolução CNS 510/16). Declaramos ainda que esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisas, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Local e data

---

Assinatura e carimbo do(a) responsável institucional

**APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO****Dados Sociodemográficos**

Qual a sua idade?

19

20

21

22

23

24

Sexo?

Masculino

Feminino

Você estuda ou trabalha atualmente?

Estuda

Trabalha

Ambos

Nenhum

**Referente a Acne**

Você apresenta ou já apresentou acne?

Sim

Não

Há quanto tempo você convive/conviveu com a acne?

Menos de 6 meses

De 6 meses a 1 ano

De 1 a 3 anos

Mais de 3 anos

Você considera a intensidade da sua acne?

Leve

Moderada

Grave

Não sei informar

Em quais áreas do corpo a acne aparece/aparecia com mais frequência?

Rosto

Costas

Peito

Ombros

Outro

A acne interfere na busca de um(a) parceiro(a)?

Sim

Não

Algumas vezes

Você é/foi chamado por apelido pejorativo por ter acne?

Sim

Não

**Cuidados com a Pele**

Você tem uma rotina de cuidados com a pele?

Sim

Não

Às vezes

Que tipo de produtos você costuma usar?

- Sabonete facial
- Protetor solar
- Hidratante
- Ácidos ou tratamentos dermatológicos
- Produtos caseiros
- Nenhum

Você já procurou ajuda de um(a) dermatologista?

- Sim
- Não
- Pretende procurar

Como você avalia sua relação com os cuidados com a pele?

### **Alimentação e Estilo de Vida**

Você acredita que sua alimentação influencia na sua acne?

- Sim
- Não
- Nunca pensei sobre isso

Com que frequência você consome alimentos industrializados, frituras ou doces?

- Todos os dias
- Algumas vezes na semana
- Raramente
- Nunca

Você bebe água regularmente?

- Sim
- Não

Você pratica alguma atividade física?

- Sim
- Não

### **Redes Sociais e Autoimagem**

Você usa redes sociais com frequência?

- Sim
- Não

Quais redes sociais você mais utiliza?

- Instagram
- TikTok
- Facebook
- Twitter
- Outras

Ao ver pessoas com “pele perfeita” nas redes sociais, como você se sente?

- Normal, não me afeta
- Um pouco inseguro(a)
- Bastante inseguro(a)
- Motivado(a) a cuidar da minha pele

Você já usou filtros para esconder as marcas da acne em fotos ou vídeos?

- Sim
- Não

Você sente que as redes sociais pressionam para ter uma aparência ideal?

- Sim
- Não
- Às vezes

Já comparou sua aparência com a de influenciadores digitais ou celebridades?

Sim

Não

Em sua opinião, como as redes sociais influenciam a autoestima de quem tem acne?

Que tipo de conteúdo você gostaria de ver nas redes sociais sobre acne e autoaceitação?

### **Autoestima e Percepção da Autoimagem**

Você sente que sua aparência interfere na sua autoestima?

Nunca

Raramente

Às vezes

Frequentemente

Sempre

Quando você pensa em sua imagem corporal, qual sentimento predomina?

Confiança

Indiferença

Insegurança

Frustração

Tristeza

Você acredita que a acne afeta como você se vê e sente sobre si mesmo(a)?

Não afeta

Afeta pouco

Afeta moderadamente

Afeta bastante

Afeta muito

Você percebe que a opinião dos outros sobre sua aparência influencia como você se sente?

Nunca

Raramente

Às vezes

Frequentemente

Sempre

Você acredita que a acne influenciou negativamente sua autoimagem?

Sim

Não

Em alguns momentos

A acne já fez com que você evitasse:

Sair de casa

Tirar fotos

Encontrar amigos

Ir à escola/faculdade

Nenhuma das alternativas

Você considera que sua autoestima, em relação à sua pele com acne, é:

Boa, independentemente da acne

Baixa, por causa da acne

Boa apenas quando uso métodos para esconder (como maquiagem ou filtros)

Outro

Você já recebeu comentários negativos sobre sua pele?

Sim

Não

Você já fez ou faz tratamento dermatológico para acne?

Sim

Não

Você acredita que a acne já afetou sua saúde emocional?

Sim

Não

Não sei dizer

A acne já contribuiu para o surgimento de sentimentos como:

Tristeza

Ansiedade

Vergonha

Irritabilidade

Medo de ser julgado(a)

Outros

Você já se sentiu isolado(a) ou evitou interações sociais por causa da acne?

Sim, frequentemente

Às vezes

Raramente

Nunca

A acne já prejudicou sua confiança para falar em público ou conhecer novas pessoas?

Sim

Não

Um pouco

Você já procurou ajuda psicológica por se sentir emocionalmente abalado(a) com sua aparência?

Sim

Não

Pensei em procurar, mas não fui

Como você se sente ao olhar para si no espelho nos dias em que a acne está mais visível?

O que você gostaria que as pessoas entendessem sobre quem tem acne?